



MARXISMO E TERAPIA OCUPACIONAL EM DEBATE

Marxism and Occupational Therapy in debate

Marxismo y Terapia Ocupacional en debate

Maxta, B.S.B. & Tomasi, A.R.P. (2022). Marxismo e Terapia Ocupacional em debate. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 6(4), 1251-1257. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto55623

Bruno Souza Bechara Maxta 
<http://orcid.org/0000-0001-8946-4992>
Universidade Federal de Minas Gerais
Departamento de Terapia Ocupacional
Belo Horizonte, MG, Brasil.

Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi 
<http://orcid.org/0000-0002-4711-0544>
Universidade Federal de Minas Gerais
Departamento de Terapia Ocupacional
Belo Horizonte, MG, Brasil.

EDITORIAL

A Terapia Ocupacional é uma profissão concebida e construída historicamente e, portanto, alicerçada nas relações sociais de cada tempo histórico. Uma vez que o seu surgimento e desenvolvimento têm sido cronometrados pela ordem do capital, a Terapia Ocupacional não advém de mera fundação e desenvolvimento científico sobre o objeto-ocupação em seus distintos tempos históricos (Christiansen & Haertl, 2019; Kielhofner, 2006), mas sim como resultante do desenvolvimento das relações sociais capitalistas sobre o escopo das ciências que têm se debruçado sobre a aplicabilidade das atividades humanas para objetivos de diferentes escopos, sendo, portanto, uma profissão fundamentada pela e para a compreensão e intervenção sobre a ocupação como objeto necessário no processo de reprodução social da ordem do capital.

Um marco para a compreensão da Terapia Ocupacional sob as relações sociais capitalistas brasileiras foi tecido nos idos dos anos 1980/1990, por um engajado coletivo de jovens mulheres estudantes e professoras de Terapia Ocupacional, como Berenice Francisco Rosa, Léa Beatriz Teixeira Soares, Beatriz Ambrósio do Nascimento e Maria Heloísa da Rocha Medeiros, que buscaram superar a assim chamada crise do papel profissional no País. Esse movimento assumiu as categorias e o método de apreensão material e histórica da composição do profissional no Brasil em Marx e Engels e, a partir destes, reconfigurar as balizas de fundamentação e instrumentalização técnico-científica profissional com as frações da classe trabalhadora atendidas, inserindo, portanto, a Terapia Ocupacional nas diferentes arenas de lutas sociais e nos conflitos entre capital e trabalho (Soares, 1991; Medeiros, 2003; Francisco, 1988; Nascimento, 1986).

Parte bibliográfica deste movimento, foi assumida na produção acadêmica brasileira como Corrente Materialista e Histórica da Terapia Ocupacional - CMHTO. Em linhas gerais, o conjunto das experiências práticas e teorizações destacaram a importância do trabalho das/os terapeutas ocupacionais como movimento de superação da ideia de neutralidade técnica e política das abordagens profissionais, bem como da superficialidade dos objetivos das suas intervenções. A instrumentalização oferecida pela CMHTO, ainda que introdutória, sustentou a inovação das intervenções em Terapia Ocupacional nos distintos serviços de saúde previdenciária - em processos de unificação ao recém proposto Sistema Único de Saúde -, nos serviços criados de proteção social às crianças e adolescentes que buscaram envolver ou nos seus respectivos processos de intervenção, a atuação com as pessoas atendidas sobre os elementos sociais constituintes das manifestações aparentes dos fenômenos da ocupação humana.

Neste movimento, a CMHTO não se furtou em desenvolver o que foi chamado de práxis unitária da Terapia Ocupacional ou prática que buscou recompor a dimensão de classe na relação terapêutica entre terapeutas ocupacionais e população atendida, e sim a essência criadora das atividades humanas, não anuladas pelo paradigma mecanicista e funcionalista hegemônico da profissão, para responder, em um

primeiro momento, à reprodução material da vida prática imediata, ou das atividades humanas de primeiras necessidades, necessárias para que a pessoa e as suas coletividades avancem, em momentos seguintes, na organização e condução de práticas coletivas frente aos elementos sociais determinantes de suas condições a práticas materiais (Pinto, 1990; Soares, 1991).

Ao contrário do que se pode vulgarmente imaginar sobre a concepção marxista da CMHTO para com o desenvolvimento técnico e científico da profissão no Brasil, a Corrente não negou a sua construção técnica de base científica anglo-saxônica. As contradições identificadas entre as finalidades das práticas profissionais presentes nas políticas do Estado brasileiro e os modelos e estruturas aplicadas de referência profissional serviram tanto como corredores para a produção do conhecimento teórico e técnico da Terapia Ocupacional sob novas condições epistemológicas de balizamento ontológico acerca do que é a natureza do objeto a ser assumido pelo profissional, como também daquilo que é para as frações assistidas pela profissão na relação sobre uma totalidade real objetiva em que, também, os profissionais estão envolvidos. Os primeiros passos, então, foram dados para a composição de unidades na produção de conhecimentos e intervenções entre pesquisadoras, professoras, terapeutas ocupacionais e frações de classe atendidas nos serviços de saúde e proteção social, não necessariamente sobre o conceito da ocupação e suas atividades associadas, mas sobre as atividades humanas a partir da categoria trabalho na tradição marxista.

Logo, o legado teórico e metodológico das experiências das colegas que compuseram e teorizaram sobre a CHMTO afirmam a importância de reconhecermos a Terapia Ocupacional face às condições estruturais capitalistas da Nação; em que está, nas contradições da sua constituição técnico-científica e funções nas políticas sociais do Estado, a possibilidade de direcionamos fundamental e tecnicamente em uma terapêutica ocupacional que, verdadeiramente, responda às necessidades práticas e cotidianas de pessoas e famílias, e, ainda, que componha as históricas lutas sociais das frações da classe trabalhadora contra a sua exploração, logo, contra toda e qualquer forma de subsumir as atividades humanas à ordem do capital. Recentes publicações acadêmicas da Terapia Ocupacional, em parte, atualizaram as categorias, outrora introduzidas e incorporadas em outras, no escopo da teorização crítica marxista sobre a constituição e para a finalidade da profissão no Brasil (Barreiro et al., 2020; Bezerra, 2011; Bezerra et al., 2009; Bezerra & Tavares, 2009; Bezerra & Trindade, 2013; Cavalcante et al., 2008; Godoy-Vieira et al., 2018, 2020; Shimoguiri & Costa-Rosa, 2017).

Com este número da REVISBRATO, propomos introduzir um novo movimento crítico marxista para a Terapia Ocupacional. O material de capa traz a produção gráfica O homem que via o futuro do lixo, de autoria do professor Mauro Iasi - um dos mais importantes pensadores marxistas do Brasil. Na imagem, é ilustrada uma profissional de saúde, diante do contexto da pandemia da COVID-19, preocupada com o futuro. O diálogo desta produção, assumido pela professora Jannayna de Moura Ferraz, oferece uma reflexão acerca da relação indissociável, embora pouco explícita nos estudos recentes da Terapia Ocupacional: entre o domínio da técnica e as implicações das práticas profissionais na relação entre as

ciências, a saúde e as lutas de classe. Sugerimos às leitoras e leitores seguir, ainda, o material oferecido por Deise Luiza da Silva Ferraz, que muito contribui para a Terapia Ocupacional sobre os limites da ciência moderna para a compreensão dos problemas sociais e problematiza, na relação de pertencimento de profissionais e pesquisadoras na classe trabalhadora, a produção de conhecimentos sobre as atividades humanas nas raízes do capitalismo. Neste texto, o materialismo histórico e dialético, em Marx e Engels (Marx, 2009, 2013, 2014; Marx & Engels, 2007), é apresentado e defendido como o meio possível para a produção do conhecimento científico que implique na real e necessária emancipação da humanidade.

Neste movimento de teorização marxista sobre as questões assumidas pela Terapia Ocupacional, Waldez Cavalcante Bezzera e Ana Carolina de Souza Basso colaboram na tessitura crítica acerca da questão social a partir de suas dimensões ontológico-materiais, política e da intervenção do Estado. As questões sociais são argumentadas enquanto expressões das contradições das relações sociais capitalistas, logo, a sua avocação pela Terapia Ocupacional não pode estar alijada da apreensão e intervenção sobre os elementos que dão forma as suas manifestações. Para tanto, a Terapia Ocupacional deve partir do reconhecimento aparente das questões sociais ou das suas manifestações e formas mais sensíveis, e avançar na apreensão e intervenção ampliada - com demais profissionais e população - sobre os elementos essenciais ou situações que as constituem.

Nesta linha, os limites da política pública de ressocialização foram assumidos, enquanto questão social, por Paula Cristina de Moura Fernandes e Deise Luiza da Silva Ferraz, a partir de um robusto estudo sobre o sistema prisional no Estado de Minas Gerais. Aspectos reais e concretos do processo de ressocialização, a partir das atividades de trabalho oferecidas nas instituições carcerárias, puderam ser desvelados na ordem do capital. A questão das drogas foi assumida por Giovanna Bardi e defendida como um fenômeno organicamente vinculado ao capitalismo na sua relação com o proibicionismo e decorrentes intervenções do Estado. Neste artigo, os aspectos sobre intervenções, ampliadas em Terapia Ocupacional, com vistas a promover o fortalecimento dos vínculos e da rede de suporte social entre profissionais e usuários, logo, o acesso aos direitos e a ampliação do repertório ocupacional de vida foram significativamente argumentados. É defesa, a Terapia Ocupacional enquanto profissão que participa da reprodução das relações entre as classes e que não pode se abster da construção de um projeto profissional antiproibicionista e antimanicomial, como também antirracista, feminista e anticapitalista sobre a questão das drogas. Já a mobilidade urbana foi outra questão de reflexão crítica material e histórica na relação com a Terapia Ocupacional Social por Monica Villaça Gonçalves e Ana Paula Serrata Malfitano, a partir da contextualização de uma pesquisa realizada com jovens participantes de extensão universitária e projetos sociais no Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Neste artigo, o materialismo-histórico e dialético foi reconhecido como base da fundamentação teórico-metodológica da Terapia Ocupacional Social, ainda que utilizado como abordagem de balizamento gnosiológico na investigação que possibilitou certo desvelamento da relação entre espoliação urbana, cerceamento de mobilidade e violência do Estado à fração de jovens da classe trabalhadora.

A composição da Terapia Ocupacional nas lutas por direitos sociais com a juventude e outras frações da classe trabalhadora manifesta uma dimensão política da prática profissional que também foi apresentada por Adriana Belmonte Moreira na forma de metodologias participativas de produção do conhecimento e intervenção no âmbito da terapia ocupacional sócio comunitária. Um movimento de composição da Terapia Ocupacional nas situações de participação popular foi assumido por Bruna Romano, Marina Bistriche Giuntini e teorizado em Paulo Freire, particularmente sob o conceito da autonomia, como um eixo articulador para a profissão na relação com populações que se responsabilizam pela transformação de si e do mundo. A participação popular foi tecida aos terapeutas ocupacionais, tanto como espaços de intervenção como cenário de participação, na medida em que também os profissionais são reconhecidos enquanto sujeitos políticos com potencial implicação para a superação das situações ou de marcadores sociais, deste modo se denominou a autoria, particulares com as populações. Intervenções sobre tal formato e propósito abrem a possibilidade de apontarmos e construirmos intervenções para além do âmbito do direito social, estabelecido na ordem do capital.

Estas e outras composições demandam profunda apreensão e teorização nas obras de Marx e Engels, uma vez que, ao que parece, elas têm se manifestado entre a coletividade profissional, como ações articuladas e direcionadas, seja na forma de metodologias participativas de produção do conhecimento, intervenção no âmbito da terapia ocupacional, entre outras, voltadas para a garantia de direitos na ordem do capital em detrimento da superação das relações sociais capitalistas - determinantes não somente de tudo aquilo que é concedido, mas tomado da classe trabalhadora sob justificativas do Estado às demandas da acumulação.

Por fim, o resgate da forma de pensamento e método críticos da Terapia Ocupacional, conhecida como Corrente Materialista Histórica da Terapia Ocupacional (CMHTO), advinda no Brasil nos idos de 1980, é oferecido no artigo de Bruno Souza Bechara Maxta e Nathália Gontijo Cançado Araújo, em debate franco às discussões sobre a Terapia Ocupacional crítica latino-americana. Neste estudo teórico, são apresentadas as categorias fundantes da CMHTO e parte da sua teorização no debate epistemológico da Terapia Ocupacional no Brasil na relação com as necessidades sociais e de saúde da classe trabalhadora. O materialista histórico e dialético teorizado pela CMHTO, ainda que primário, apontou para a superação da conceituação sobre as ocupações e o caráter funcionalista das práticas terapêuticas ocupacionais, que sustentam a reprodução à ordem do capital. Parte empírica deste importante movimento, compõe a entrevista concedida pela professora Léa Beatriz Teixeira Soares ao Coletivo Marxismo e Terapia Ocupacional, na ocasião dos trinta anos de publicação do estudo-livro *Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?* Os professores Bruno Souza Bechara Maxta, Waldez Cavalcante Bezerra, Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi e a terapeuta ocupacional Luiza Carla de Melo dialogam sobre os antecedentes, as motivações e os desdobramentos dos estudos marxistas na Terapia Ocupacional para a sua constituição técnica e direcionamento político no Brasil.

Incluem-se também, neste número da REVISBRATO, artigos sobre temas e objetos diversos com abertura para a sua fundamentação e teorização marxista, agora, retomada na e para a Terapia Ocupacional.

Referências

Barreiro, R. G., Borba, P. L. de O., & Malfitano, A. P. S. (2020). Revisitando o materialismo histórico em terapia ocupacional: O papel técnico, ético e político na contemporaneidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(4). 1311-1321. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE1950>

Bezerra, W. C. (2011). O Estado brasileiro e o ataque neoliberal algumas reflexões para a terapia ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 19(2). 239-248. <https://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/465>

Bezerra, W. C., & Tavares, M. M. F. (2009). A precarização do trabalho no terceiro setor: um estudo a partir da realidade da Terapia Ocupacional em Maceió-AL. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 17(1). <https://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/115>

Bezerra, W. C., Tavares, M. M. F., & Cavalcante, G. M. M. (2009). O mercado de trabalho da terapia ocupacional em Maceió-AL no contexto contemporâneo de crise do capital. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 20(2), 75-84. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v20i2p75-84>

Bezerra, W. C., & Trindade, R. L. P. (2013). A Terapia Ocupacional na sociedade capitalista e sua inserção profissional nas políticas sociais no Brasil. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 21(2), 429-437. <https://doi.org/10.4322/cto.2013.045>

Cavalcante, G. M. M., Tavares, M. M. F., & Bezerra, W. C. (2008). Terapia ocupacional e capitalismo: Articulação histórica e conexões para a compreensão da profissão. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 1(19), 29-33. <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14025>

Christiansen, C. H., & Haertl, K. L. (2019). A Contextual History of Occupational Therapy. Em B. A. B. Schell & G. Gillen (Orgs.), *Willard & Spackman's occupational therapy* (13^o ed, p. 170-244). Wolters Kluwer.

Francisco, B. R. (1988). *Terapia Ocupacional*. Papyrus.

Godoy-Vieira, A., Soares, C. B., & Cordeiro, L. (2020). Occupation and labour: Towards emancipatory practices. Em H. van Bruggen, S. Kantartzis, N. Pollard, S. Venkatapuram, & E. Townsend, *And a seed was planted: Occupation based approaches for social inclusion* (p. 1-10). Whiting & Birch Ltd.

Godoy-Vieira, A., Soares, C. B., Cordeiro, L., & Campos, C. M. S. (2018). Inclusive and emancipatory approaches to occupational therapy practice in substance-use contexts. *Canadian Journal of Occupational Therapy, 85*(4), 307–317. <https://doi.org/10.1177/0008417418796868>

Kielhofner, G. (2006). *Fundamentos conceptuales de la terapia ocupacional*. Médica Panamericana.

Marx, K. (2009). *Manuscritos econômico-filosóficos* (1º ed). Boitempo Editorial.

Marx, K. (2013). *O capital: Crítica da economia política. Livro I. O processo de produção do capital* (1º ed). Boitempo.

Marx, K. (2014). *O capital: Crítica da economia política. Livro II. O processo de circulação do capital* (1º ed). Boitempo.

Marx, K., & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã* (1º ed). Boitempo.

Medeiros, M. H. da R. (2003). *Terapia ocupacional: Um enfoque epistemológico e social* (1º ed). EdUFSCar Hucitec.

Nascimento, B. A. do. (1986). *A "saúde" e a saúde* [Impresso].

Pinto, J. de M. (1990). *As correntes metodológicas em terapia ocupacional no Estado de São Paulo (1970—1985)* [Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos].

Shimoguiri, A. F. D. T., & Costa-Rosa, A. da. (2017). Contribuições do materialismo histórico para a terapia ocupacional: Uma análise dialética do fazer e da generacidade humana. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 1*(5), 704–720. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbt09655>

Soares, L.B.T. (1991). *Terapia ocupacional: Lógica do capital ou do trabalho?: retrospectiva histórica da profissão no Estado brasileiro de 1950 a 1980* (1º ed). Editora Hucitec.

Contribuição dos autores: B.S.B.M. foi responsável pela elaboração, revisão e supervisão do texto. A.R.P.T. foi responsável pela elaboração e revisão do texto.

Agradecimentos: À Rede TraMa pelas discussões e estudos que ensejaram a elaboração desse trabalho

Recebido em: 16/11/2022

Aceito em: 21/11/2022

Publicado em: 30/11/2022

Editora: Ana Carollyne Dantas de Lima